

## LEITURA DE BORGES: VOZES BRASILEIRAS NO ESPELHO

Ana Claudia Marini da Silva (UEMS)

[anaclaudia.marinidasilva@gmail.com](mailto:anaclaudia.marinidasilva@gmail.com)

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

[chaves.adri@hotmail.com](mailto:chaves.adri@hotmail.com)

Eliane Maria de Oliveira Giacón (UEMS)

[giaconeliane@uems.br](mailto:giaconeliane@uems.br)

### RESUMO

Falar de Borges é tarefa complexa, pois a princípio é um escritor que ao mesmo tempo é poeta, ensaísta e crítico literário, logo para que o leitor brasileiro possa exercer leitura crítica da obra de Borges é necessário que ele seja escritor ou poeta, ou pelo menos ensaísta e crítico literário. Os nomes analisados neste artigo se posicionam desde o século XX até o século XXI. De Mário de Andrade a Alexandre Eulalio, passando por Davi Arrigucci Jr. e Eneida Maria de Souza, são décadas de estudos sobre a obra borgiana. Pretende-se por meio de abordagem bibliográfica percorrer o trajeto feito pelos críticos brasileiros até Jorge Luis Borges, a fim de averiguar se a crítica literária brasileira avançou em suas análises ou continua apenas repetindo os mesmos conceitos por refletir-se no espelho intelectual do escritor em questão. No presente artigo fez-se seleção de uma parcela dos críticos literários, pois não se conseguiria abarcar todos os renomados especialistas em sintético estudo. Os referidos críticos estão agrupados em torno do interesse pelo escritor, constituindo o que Halbwachs (2012) denomina por “memória coletiva”. E quanto ao tipo de recepção, Jauss (1994) estabelece como mediadores os leitores críticos aptos a intermediar a leitura da obra literária para os leitores iniciantes. Atendo-se a estes pressupostos teóricos, o artigo discorre brevemente sobre as “vozes brasileiras” dos leitores especializados em Borges, com o intuito de expor as contribuições da fortuna crítica brasileira do escritor em tela.

#### Palavras-chave:

Obra borgiana. Crítica literária. Estética da recepção. Inovação. Repetição.

### 1. Introdução

A obra de Borges sempre foi requisitada pela crítica literária brasileira. Ela começou a ser difundida no país a partir dos escritores Mário de Andrade e Alexandre Eulalio que divulgaram a desconhecida obra do escritor argentino no início do Século XX. Além destes críticos pioneiros, os estudos sobre Borges ganharam notoriedade com Nara Maia Antunes que analisou a teoria da literatura embutida no interior da obra borgiana, bem como Eneida Maria de Souza que fez releituras das obras do escritor. Júlio Pimentel Pinto e Davi Arrigucci Jr. são conhecidos pela inovadora visão crítica sobre a ficção, a memória e a história em Borges.

Por esta razão, o artigo discorre sobre as produções críticas da obra de Borges feitas por brasileiros, traçando o percurso bibliográfico utilizado pelos críticos elencados acima para a pesquisa, com intenção de averiguar se tais produções críticas evoluíram junto com a obra borgiana ou apenas refletiram conceitos perpetuados por outros críticos de Borges.

Para sustentar a concepção de leitura e recepção ideal da obra do escritor analisado, faz-se imprescindível o recorte da estética da recepção de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, pois os contos ficcionais, preferencialmente cotejados pela crítica, possuem narrativas com duplicidade como num jogo de espelhos invertidos e teoria literária embutida, de linguagem labiríntica.

O intelectual e crítico brasileiro corresponde ao leitor ideal da obra borgiana e cabe ao estudo detectar se este está apto a intermediar tal conhecimento por meio de suas produções críticas ao leitor iniciante da obra de Borges. Quanto ao grupo de leitores ideais que compartilham de um mesmo interesse literário, são utilizados os argumentos sociológicos sobre a formação de uma memória coletiva (HALBWACHS, 2012).

A análise das produções de tais vozes brasileiras direciona-se para a seguinte questão: a leitura e releitura da obra borgiana feita no país conseguiu inovar ou apenas replicou a teoria literária problematizada nos ensaios e contos filosóficos do escritor argentino?

## **2. A “memória coletiva” e a recepção ideal do leitor de Borges**

O embasamento teórico agregado à tese sociológica procura dar suporte às considerações pertinentes quanto à origem e evolução da crítica literária brasileira de Borges. A relação estreita entre a embrionária crítica literária borgiana e a leitura é determinante para entender também como foi realizada a escritura em toda obra borgiana.

Borges, semelhante aos seus críticos, também era ensaísta e leitor contumaz da literatura mundial, fato que contribuiu para gerar sua obra a partir de suas contínuas leituras. A eleição da estética da recepção como pressuposto teórico não foi escolhida aleatoriamente, porque se trata de abordagem que privilegia o leitor, tendo a recepção em foco.

No que concerne ao termo “Leitura de Borges: vozes brasileiras no espelho”, refere-se à leitura analítica intermediada pela crítica literária, leitura complexa e não apenas de entretenimento ou conhecimento

superficial, realizada pelo leitor ideal, segundo a concepção de Iser e Jauss que adquire uma perspectiva mais específica:

O leitor de Iser é um espírito aberto, liberal, generoso, disposto a fazer o jogo do texto. No fundo, é ainda um leitor ideal: extremamente parecido com o crítico culto, familiarizado com os clássicos, mas curioso em relação aos modernos. Cabe ao leitor informado fornecer, com a ajuda de sua memória literária, algo com que transformar um esquema narrativo incompleto da obra (COMPAGNON, 2010, p. 202).

Nota-se também em Jauss o mesmo conceito de leitor ideal e crítico, embora sob a ótica da história de sucessivas gerações de leitores ressaltando seu papel de intermediador do conhecimento a outros leitores e até mesmo sendo o modulador, ou seja, fazendo releituras do texto original. Segue abaixo o argumento de Jauss:

Compete ao crítico, como leitor ideal, fazer o papel de intermediário entre a maneira como um texto foi percebido no passado e a forma como ele é percebido hoje, narrando detalhadamente a história de todos os seus efeitos. O texto novo evoca para o leitor todo um conjunto de expectativas e de regras do jogo com as quais familiarizam os textos anteriores e que, ao fio da leitura, podem ser moduladas, corrigidas, modificadas ou simplesmente reproduzidas. Suas estratégias fornecem critérios para se medir o desvio que caracteriza sua novidade: o grau que separa do horizonte de expectativa de seus primeiros leitores, em seguida, dos horizontes de expectativa sucessivos no decurso de sua recepção (JAUSS, 1994, p. 43-44)

Assim, propõe-se além de um recorte teórico para se compreender como é feita a recepção da obra borgiana, também um suporte na sociologia para argumentação de que há a formação de uma memória coletiva do grupo de leitores brasileiros reunidos em torno da obra borgiana. Halwachs (2012) sustenta que:

A aparente continuidade do que chamamos vida interior em parte é porque ela segue por algum tempo o curso de uma de suas correntes, o curso de um pensamento que de tempos a tempos surge em nós e nos outros, a tendência de um *pensamento coletivo*. Mas o grupo, não é somente, nem principalmente, um conjunto de indivíduos definidos, e sua realidade não se esgota em algumas imagens que podemos enumerar e a partir do qual o reconstruíamos. Ao contrário, o que essencialmente o constitui é um *interesse, uma ordem de ideias* e de preocupações que se particularizam e em certa medida refletem as personalidades de seus membros. (Grifo nosso)

Pode-se inferir que as incursões na memória literária do escritor e no engenho de sua obra, permitem acionar a chave da fruição de uma leitura crítica por parte da formação de um grupo que gravita em torno das produções literárias borgianas, e deste modo, constitui-se da mesma forma a “memória coletiva” deste grupo de críticos literários brasileiros que

compartilham o mesmo interesse – a obra borgiana.

### **3. O trajeto percorrido pela crítica literária brasileira até Borges**

A bibliografia consultada pela crítica brasileira inclui desde os argentinos Adolfo Bioy Casares, Beatriz Sarlo e Ricardo Piglia, o uruguaio Emir Rodríguez Monegal, até os franceses Michel Foucault, Maurice Blanchot, Georges Charbonnier e italianos como Umberto Eco e Ítalo Calvino, para mencionar apenas alguns.

O que se pode depreender é que a crítica brasileira sobre Borges muitas vezes se apropria de termos cunhados por críticos estrangeiros, fazendo revisitações para contribuir e somar com seu peculiar mecanismo de adaptar a obra borgiana a fim de transformá-la em algo mais “palatável” para o leitor brasileiro. Pode-se constatar abaixo, algumas considerações da crítica literária brasileira sobre Jorge Luis Borges.

#### **3.1. Contribuições dos leitores pioneiros Mário de Andrade e Alexandre Eulálio**

O escritor Mário de Andrade era profundo conhecedor da literatura produzida em países sul-americanos. Em sua biblioteca foram catalogados sessenta e cinco livros de autores argentinos. Possuía uma extensa coleção de revistas de vanguarda da moderna literatura argentina. Dentre os vários periódicos, como *Proa*, *Claridad*, *Síntesis*, encontra-se *Martín Fierro*, na qual Borges era colaborador. Há um artigo publicado em 13 de maio de 1928 para o *Diário Nacional* de São Paulo<sup>66</sup>, onde o escritor brasileiro ressalta a relevância da estética apregoada neste periódico e elogia o ensaio borgiano *Inquisiciones*:

Esse crioulismo tão bem vibrado no ensaio de Jorge Luis Borges que o *Diário Nacional* publica hoje, me parece costurar as páginas de *Martín Fierro*. Apesar de toda influência europeia, ou antes, aceitação europeia que a gente pode encontrar nas doutrinas estéticas que a revista prega ou indica. Quem se preocupa mais com ele é Jorge Luis Borges. Este poeta e ensaísta me parece a personalidade mais saliente da geração moderna da Argentina [...] Este é um livro (*Inquisiciones*) excepcionalmente bonito, duma elegância muito rara de pensamento, verdadeira aristocracia que se educou na sobriedade, na imobilidade da exposição e no raro das ideias.

---

<sup>66</sup> Reproduzido em Monegal (1978, p. 99-109).

Há evidente confluência entre Mário de Andrade e Alexandre Eulalio, pois ambos escreveram com propriedade sobre Borges ao aprofundar questões sobre o modo peculiar com que o escritor narrava. Souberam detectar o estilo borgiano e eram perfeccionistas em suas leituras, pesquisando em pormenores a obra do escritor argentino. Assim, precocizaram a leitura pelo viés crítico com destaque para os ensaios e contos ficcionais.

Alexandre Eulalio foi o primeiro tradutor da obra borgiana para o português. Traduziu “O Congresso do Mundo” e “Cronologia de Borges” de María Esther Vasquez, dentre outros e escreveu artigos e resenhas sobre o escritor argentino. Arriguicci Jr. (1999, p. 223) declara sobre o colega tradutor que ele era “um leitor detido, minuciosíssimo, um leitor ideal de Borges, que convenceu os amigos da necessidade de ler o escritor argentino”. Convenceu ninguém menos que eruditos como Augusto Meyer, Brito Broca e Fausto Cunha a lerem Borges.

Em artigo publicado em 16 de fevereiro de 1958 para o *Diário de Notícias* de Porto Alegre<sup>67</sup>, divulga a obra do escritor ainda pouco conhecido no Brasil. Menciona as principais obras do escritor argentino e destaca o livro recém-publicado de Borges “O livro dos seres imaginários”. Alexandre Eulalio salienta a respeito da publicação:

Um manual de zoologia fantástica era mesmo tarefa para alguém do porte de Jorge Luis Borges, esse escritor ainda pouco conhecido no Brasil, que é um dos maiores poetas do seu tempo. Poeta que se realizou principalmente, na prosa, ficando célebre por seus contos e por seus ensaios, o mundo do poeta Borges – ecumênico, eruditíssimo, intoxicado mesmo por uma cultura vivida até a exaustão – forma uma ilha perfeitamente definida dentro do panorama literário, não só do seu país, mas de toda a América [...] está presente neste livro, o escritor de imaginação ardente, bom leitor e seguro, das principais literaturas do mundo, que, numa compilação de invenções alheias, revela-se insuperável inventor.

Resultam analogamente dois escritores voltados para o empenho em deslindar a obra borgiana, que de fato contribuíram para propagação da notável intersecção entre arte e pensamento da escritura de Borges. Decorrente das traduções de contos ficcionais, artigos publicados em Jornais e resenhas críticas, o começo da intermediação para os futuros leitores ideais de Borges tornou-se possível através da visão aguçada desses primeiros críticos.

---

<sup>67</sup> Reproduzido em Schwartz (2001, p. 291-297).

### **3.2. Convergências e divergências entre Nara Maia Antunes e Júlio Pimentel Pinto**

A obra polissêmica e intertextual de Borges persegue a imagem ideal do labirinto com várias possibilidades de “entrada”. Mas para que a obra se torne viável, há a necessidade de manter-se a forma e somente algumas possibilidades reduzidas de conteúdo e não toda a “abertura”. Assim como o herói mitológico Teseu que foi bem-sucedido em combater o Minotauro no centro do labirinto de Creta, hoje os leitores críticos de Borges precisam de estratégias para adentrar em sua obra labiríntica de linguagem ambígua.

Nara Maia Antunes aproxima a teoria de Bakhtine à de Borges para demonstrar o quanto os contos ficcionais do escritor argentino são polissêmicos e intertextuais, permeados de proposições teóricas. Ela declara que:

É justamente isso que propõe a “técnica de anacronismos deliberados” de Borges; fazer conviver, num mesmo contexto, ideias provenientes de vários outros. E no final, é isto que, de certa forma, fazemos todos nós, leitores, ao lermos uma obra do passado; tal leitura será sempre um “anacronismo deliberado” pois o “passado” da obra será visto com nossos olhos no presente. Poderíamos afirmar que não apenas a prática de Borges está de acordo com as teorias que Bakhtine desenvolveu, como também essas teorias encontram eco nas próprias “teorias” de Borges, desenvolvidas muitas vezes em textos ficcionais. (ANTUNES, 1982, p. 88)

No que diz respeito ao pressuposto teórico de Umberto Eco, em sua “Obra Aberta”, a crítica literária Nara Maia Antunes e o historiador Júlio Pimentel Pinto convergem em direção à mesma abordagem. Ela menciona que a alternativa representada por Umberto Eco de um ‘movimento pendular’ entre forma e conteúdo é a que será aceita pela poética borgiana para o discurso literário aberto (ANTUNES, 1982, p. 45).

Júlio Pimentel Pinto também verificou a mesma característica na obra do escritor analisado quanto a ser em muitos aspectos uma obra aberta e intertextual. Pinto (1999, p. 178) elucida que:

O movimento em questão é o de provocar interferências de um texto sobre outro, determinando, pela *intertextualidade*, a atuação detetivesca, seja do autor seja do leitor que deve decifrar os jogos de palavras ou citações, restaurando e repondo a trama. Não é evidentemente, exclusividade de Borges supor ou realizar uma *escritura aberta* a presenças de outras obras ou autores. O traço distintivo do trabalho borgiano é tramar integralmente sua forma de escrever, a partir da contínua montagem desse tecido de afinidades. (Grifo nosso)

O crítico literário Júlio Pimentel Pinto recomenda a leitura da

“Obra Aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas” de Umberto Eco, na nota ao pé da página referente à citação acima. Da mesma maneira, Nara Maia Antunes faz alusão à mesma obra, embora a edição de 1968 seja utilizada pelo crítico e a segunda edição, de 1971 seja consultada por Nara M. Antunes.

Apesar da disparidade no procedimento teórico, o tratamento dispensado à obra borgiana por ambos os críticos separados por mais de vinte anos de suas publicações, demonstra a mesma percepção e bibliografia utilizada. Neste caso, insistem na mesma visão pré-concebida de que o escritor argentino engendrava sua tessitura em formas-matriz recorrentes, ou seja, intertextuais e polissêmicas. A cristalização da imagem do labirinto com várias possibilidades de leitura fixou-se na mente da grande maioria da crítica literária sobre o escritor.

Em relação a suas dissonâncias, Nara Maia Antunes direciona a obra borgiana para o formalismo russo e teoria bakhtiniana, abordando a teoria por trás dos contos ficcionais de Borges. Enquanto Júlio Pimentel reforça a questão de um Borges não apartado da história, não sendo somente escritor, mas como um homem ligado aos acontecimentos políticos do seu tempo.

Portanto, apesar de replicarem os mesmos pontos de vista, inovaram ao propor uma renovação da fortuna crítica do escritor estudado, expondo particularidades do homem multifacetado que realmente conseguiu ser Jorge Luis Borges.

### **3.3. Júlio Pimentel Pinto e Davi Arrigucci Jr. – Consonâncias na memória histórica de Borges**

Júlio Pimentel Pinto (1999, p. 215) faz correlação entre narrativa ficcional e narrativa histórica e promove a aproximação de algo em comum entre o crítico literário e o historiador: ambos utilizam textos significativos com contextos pertinentes. Ele elege a historiografia literária como sendo uma saída inteligente para conseguir espessar a obra borgiana com a percepção histórica, um verdadeiro instrumento dialógico entre ficção e história.

Aliás, ele até mesmo propõe ampliar o campo da historiografia projetando-o para o domínio da crítica literária, com a intenção de desmontar os contos ficcionais e ensaios borgianos a fim de ressaltar aspectos históricos em Borges, recuperando a história da experiência vivida

pelo escritor extrapolando os limites de sua memória histórica refletidas em sua obra. Tal procedimento inovador encontra nos críticos literários Davi Arrigucci Jr. e Daniel Balderston, alinhamento de ideias.

Para referendar o que Arrigucci Jr. declara a respeito da perspectiva histórica em Borges em artigo intitulado “Da fama e da infâmia” (Borges no contexto literário latino-americano), Pinto (1999, p. 242) alega que:

Arrigucci sugere uma reavaliação do impacto e do lugar da história na obra de Borges. Recupera, dessa forma, um Borges histórico que só aparece de forma esquiwa no resgate do Borges político feito por Rodríguez Monegal. Reagindo à tendência – predominante na crítica – de considerá-lo não apenas um autor cosmopolita, mas também imerso num universo absolutamente imaginário, desconectado da realidade, Arrigucci propõe uma leitura de sua obra voltada à historicidade nela contida.

A proposta ambiciosa dos dois escritores de resgatar a imagem saturada do Borges, cego e palestrante encarcerado no literário e alheio ao mundo real, acena para a inovação; contudo, acentua o descompasso entre estética e história, permanecendo reminiscências do impasse entre repetição/renovação.

Um caminho ideal seria permitir a aproximação do historiador até Borges para romper as barreiras do ficcional e ater-se aos fatos, no entanto, sem abalar as estruturas estéticas, deixando a passagem livre para a crítica literária imiscuir-se no domínio da linguagem imaginativa.

### **3.4. Eneida Maria de Souza e suas releituras via Emir Rodríguez Monegal**

Eneida Maria de Souza decifra os textos borgianos, enfatizando a predileção do escritor pelos gêneros curtos e a tendência a miniaturizar, reduzir a estrutura literária empregada em textos da literatura mundial, adequando-os a outros formatos, numa operação de recorte, para recriar sua poética minimalista, embora muito complexa. Um exemplo selecionado de releitura é o conto “El Aleph” muito explorado pela crítica brasileira, bem como a mundial, foi escolhido para a análise, a fim de demonstrar a sintonia entre dois críticos literários de procedência diversa.

A crítica literária Flora Sússekind comenta no capítulo “Borges e a Série” de seu livro “A voz e a Série” (1998, p. 156) a correlação feita por Monegal (1987, p. 29) entre o conto “El Aleph” e a “Divina Comé-



dia”. Ela salienta que “a ida ao sótão em ‘El Aleph’ e o topos épico da descida ao inferno, ligada, como já assinalou Emir Rodríguez Monegal, ao caráter de ‘redução paródica’ da Divina Comédia” é procedimento comumente utilizado por Borges, que dilui obras da literatura mundial em outros textos.

A obra dantesca, considerada uma obsessão literária de Borges, foi descortinada por Eneida Maria de Souza no livro “O Século de Borges” e a sincronia entre o escritor uruguaio acima mencionado e a escritora brasileira faz-se visível, uma vez que ela inclui em sua bibliografia o escritor. Souza (1999, p. 54) aponta que:

O conto consiste na redução parodística de *A Divina Comédia* de Dante, uma das obras mais representativas da literatura ocidental para o autor. As personagens do conto encarnam, de maneira irônica, Beatriz, Dante e Virgílio. Através desse processo redutor, o grande poema da Idade Média é visto por Borges como um aleph; da profusão de textos já existentes, o que resta é reciclar, bricolhar e criar novos arranjos e outras séries combinatórias de sentido.

Diante de tal fato, as semelhanças entre os críticos separados por quase duas décadas de produções literárias, não configura um desacerto da parte da crítica brasileira, pois ao replicar o que foi antecipadamente considerado por Emir Rodríguez Monegal, apenas denota que ela tenha empreendido uma releitura do mesmo conto ficcional “El Aleph”.

A conexão entre os dois escritores ressalta a erudição de Borges na literatura mundial, que a propósito, realizou em “Nove ensaios dantescos” (primeira publicação em 1982) notável releitura da “Divina Comédia” de Dante Alighieri. Obra integralmente lida em italiano pelo escritor, foi fonte para os ensaios que foram escritos magistralmente e destarte, recebidos com elogios por críticos italianos, dentre eles Ítalo Calvino.

Portanto, perfazer o trajeto entre as produções literárias da crítica brasileira oriunda da fortuna crítica mundial e de textos borgianos traduzidos, implica profunda investigação bibliográfica que conduz à tentativa de uma análise profícua. Detectar o empenho da crítica brasileira em divulgar a obra de Borges é acertadamente ao mesmo tempo estimulante e desafiador para o pesquisador.

#### **4. Considerações finais**

Suscitar a questão sobre a inovação ou repetição da crítica literária brasileira da obra borgiana foi intenção deste artigo. Obviamente, o obje-

tivo não foi abarcar toda a importante produção literária sobre Borges, mas tentar refletir o contorno intelectual de algumas vozes brasileiras no espelho do escritor analisado. O que muitos desses intelectuais propuseram-se a realizar foi estabelecer uma ponte entre a obra borgiana e sua fortuna crítica mundial.

Contudo, a traduzibilidade da obra e fortuna crítica do escritor em questão opera-se de certa maneira fragmentada. Verifica-se que é possível detectar no mesmo crítico literário brasileiro posições teóricas opostas e a incongruência torna-se mais evidente quando há a tentativa de considerar ao mesmo tempo a ficção (contos do realismo fantástico, contos policiais), a obra política (que deveria ser dissociada de opinião política pessoal), a poesia e a memória histórica e experiência vivida.

Em contrapartida, os argumentos dos críticos selecionados se coadunam em prol do trabalho nas lacunas e silêncios dos textos borgianos. Os “espelhos” da poética de Borges são oblíquos, deformados e assimétricos, não representando o real, mas formulando outra hipótese alternativa à realidade.

Ademais, o tipo de literatura produzida por Borges, preferencialmente a do realismo fantástico, fronteira entre o real e o imaginário propõe um prisma refratado que desorienta o leitor iniciante, sendo imprescindível o auxílio da erudição que alcança de forma mais ampla o conteúdo intelectual da obra borgiana.

Com efeito, a relevante intermediação da crítica especializada possibilita a coautoria na dinâmica borgiana, dirimindo dúvidas e reescrevendo a obra do escritor por meio de seu extenso repertório. Aptos a extrair e desvendar o estilo da narrativa borgiana, os leitores ideais de Borges, atuam como gerações que constituem uma “memória coletiva”, preservando e ampliando a fruição das produções do escritor argentino aqui no Brasil.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Nara Maia. *Jogo de espelhos*. Borges e a teoria da literatura. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

ARRIGUCCI Jr, Davi. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Trad.: Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad.: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2012.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

MONEGAL, E. R. *Mário de Andrade/Borges: um diálogo dos anos 20*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo*. Ficção, memória e história em Jorge Luis Borges. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

SCHWARTZ, Jorge (Org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

SOUZA, Maria Eneida de. *O século de Borges*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SÜSSEKIND, Flora. *A voz e a série*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.